

RELAÇÃO SER HUMANO ⇔ NATUREZA, QUALIDADE DE VIDA E CONSCIÊNCIA NUM PROGRAMA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

FIAMONCINI, Diane Ivanise – UNIVALI - difiamoncini@yahoo.com.br

TAGLIEBER, J. Erno – UNIVALI - j.erno@univali.br

Grupo de Pesquisa “Educação, Estudos Ambientais e Sociedade” - GEEAS

Programa de Mestrado Acadêmico em Educação – PMAE

EIXO: Educação de Jovens e Adultos/ n°. 06

Agência Financiadora: Sem Financiamento

A educação de jovens e adultos (EJA) é um direito de todo cidadão que em algum momento de sua vida foi excluído dos processos educativos formais. A educação ambiental (EA) também o é, principalmente nesta época em que a mídia nos alerta continuamente sobre os perigos do aquecimento global. A partir desta semelhança houve o despertar curioso e entusiasta por pesquisar como a inserção da dimensão ambiental ocorria num programa de educação de jovens e adultos. Para isso foram entrevistados treze professores e nove alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos da UNIVALI¹, durante os anos de 2005 e 2006.

A análise das entrevistas foi efetuada com base no referencial teórico que é apresentado a seguir, escolhido como três categorias que, por diferentes razões, foram selecionadas para tal finalidade: Relação Ser Humano ⇔ Natureza, Qualidade de Vida e Consciência. Estas três categorias não são discretas, ao contrário, elas se sobrepõem, são interdependentes na sua conceptualização, em outras palavras, são interdisciplinares no sentido de Carvalho (2004), Grün (1996) e Freire (2000) entre outros.

Relação Ser Humano ⇔ Natureza

A relação entre o ser humano e a natureza determina quais ações serão realizadas no ambiente. Assim, o foi e assim, o é. Esta relação foi se constituindo historicamente. Como diz Carvalho (2004), existe uma visão da natureza, como sendo apenas estritamente biológica, onde há um mundo natural que se opõe ao mundo humano. Esta visão seria chamada de naturalista e leva a ações de conservação dos ambientes naturais, destinados a serem protegidos das ações humanas. A visão naturalista é uma forma de representação que está fortemente inscrita em nosso ideário

¹ Universidade do Vale do Itajaí, localizada no estado de Santa Catarina.

ambiental (CARVALHO, 2004). A educação ambiental surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista, mas o meio ambiente é espaço relacional e nem sempre essa relação é desastrosa, podendo muitas vezes ser sustentável.

Segundo a autora supracitada, existe uma visão socioambiental, que diz que a natureza e os seres humanos, a sociedade e o ambiente, formam um único mundo. Neste mundo único, poderia falar-se em sociobiodiversidade. Para afirmar esta nova visão há que se superar a dicotomia entre natureza e sociedade. Como diz Carvalho (2004, p. 37)

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente. Tal perspectiva considera o meio ambiente como espaço relacional, em que a presença humana, longe de ser percebida como extemporânea, intrusa, ou desagregadora (“câncer do planeta”), aparece como um agente que pertence à teia de relações da vida social, natural e cultural e interage com ela.

A relação ser humano ↔ natureza veio se constituindo historicamente e hoje temos duas formas de experienciar a natureza e atribuir-lhe sentidos: ora a natureza é selvagem e ameaçadora, ora é bela e boa (CARVALHO, 2001). A visão da natureza como domínio do selvagem, do ameaçador e do esteticamente desagradável estabeleceu-se quando o progresso humano era medido pela capacidade de dominar e subjugar o natural. Esta visão foi chamada de antropocêntrica, pois situava o ser humano como centro do universo. Desde o século XV, à medida que o processo civilizatório moderno avançava, o passado medieval tornava-se inculto, menos desenvolvido. A idéia de civilidade e cultura se opunha à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão e à ignorância. A natureza, tida como o oposto da civilização, representava uma ameaça à ordem nascente. Ela foi classificada, segundo sua utilidade, em suprir necessidades humanas imediatas. Porém, à medida que se evidenciavam os efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida, causada pela Revolução Industrial, surgiu, no século XVIII, na Inglaterra, um fenômeno chamado das “novas sensibilidades”. Iniciou-se uma valorização das paisagens naturais, das plantas e dos animais. A natureza é considerada então, bela e boa. Firmou-se então a nostalgia da natureza intocada. Pode-se dizer que as novas sensibilidades constituíram uma transformação cultural importante, que chega até os dias de hoje como uma das raízes de longa duração do ambientalismo contemporâneo. (CARVALHO, 2004).

Estas duas formas de experienciar a natureza permanecem para além de seus contextos de origem, como uma tensão que segue vigente em boa parte das idéias, sensibilidades e afetos constituintes da experiência contemporânea do ambiente (CARVALHO, 2004). Isto nos leva a agir de diferentes formas em relação à natureza. Ora a utilizamos para nosso benefício, destruindo-a implacavelmente preocupados somente com os lucros gerados por esta destruição, ora a contemplamos como algo que nos apazigua os sentimentos, servindo inclusive de estratégia de marketing para venda de terrenos, porém de toda forma a utilizamos para nós mesmos. Nós, seres humanos imbuídos de preocupações geralmente capitalísticas, que sequer nos preocupamos com conceitos como bioética, biossegurança, ecossistemas, equilíbrios biológicos, rede de interligações e interdependências.

Hoje o desafio que se coloca é a sustentabilidade, não só para a nossa espécie, como para todas as formas de seres vivos do planeta. A sustentabilidade referenciada na formação de sociedades sustentáveis, guiadas por processos educativos onde a EA seja crítica e emancipatória e onde a responsabilidade seja global. Neste tipo de sociedade todos, incluindo os jovens e adultos das escolas de EJA, necessitam de qualidade de vida e esta qualidade de vida planetária é o que se busca com a educação ambiental, nas sociedades sustentáveis de responsabilidade global.

Qualidade de Vida

Muito se tem discutido, nos últimos anos, no Brasil e no mundo, sobre educação ambiental e sua dimensão. Congressos, seminários e encontros têm reunido milhares de pessoas buscando conceitos, discutindo estratégias, analisando caminhos, avaliando resultados. Todas as tendências convergem para um único ponto: a educação ambiental lida com o potencial das pessoas para entender e transformar o meio ao seu redor em busca de qualidade de vida (MERGULHÃO e VASAKI, 2002).

A educação ambiental, desde o ano de 1972, em Estocolmo, com a “Primeira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente”, ganha destaque como “assunto oficial” na pauta de organismos internacionais. Segundo a recomendação número 96 da Declaração de Estocolmo, a educação ambiental tem uma importância estratégica na busca pela qualidade de vida (GRÜN, 1996).

Esta busca da qualidade de vida e a possibilidade de transformação da realidade é outro elo de ligação entre educação ambiental e educação de jovens e adultos. A qualidade de vida de jovens e adultos, brasileiros e brasileiras, vítimas de uma história

excludente, que não puderam aprender a ler e escrever e são prejudicados neste novo século em que o acesso, ou não, ao saber, representam uma divisão cada vez mais significativa entre as pessoas. Mas, o que vem a ser qualidade de vida?

Existe um estudo realizado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) que conceituou qualidade de vida como sendo "a percepção do indivíduo, de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores, nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (WHOQOL GROUP, 1994 apud FLECK, 1999, p.20). Este estudo buscou a criação de um instrumento que avaliasse a qualidade de vida das pessoas, dentro de um contexto internacional. Três aspectos fundamentais referentes ao constructo desta categoria foram obtidos: (1) subjetividade; (2) multidimensionalidade; (3) presença de dimensões positivas (ex. mobilidade) e negativas (ex. dor). A multidimensionalidade do constructo refletiu-se na estrutura do instrumento, baseada em seis domínios: domínio físico, domínio psicológico, nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade / religião / crenças pessoais.

Veja o quadro, abaixo, sobre os domínios da qualidade de vida, segundo o instrumento que foi construído e denominado WHOQOL-100, na versão em português, desenvolvida pelo Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS, segundo Fleck (1999).

Domínio I – Domínio físico

1. Dor e desconforto
2. Energia e fadiga
3. Sono e repouso

Domínio II – Domínio psicológico

4. Sentimentos positivos
5. Pensar, aprender, memória e concentração
6. Auto-estima
7. Imagem corporal e aparência
8. Sentimentos negativos

Domínio III – Nível de independência

9. Mobilidade
10. Atividades da vida cotidiana
11. Dependência de medicação ou de tratamentos
12. Capacidade de trabalho

Domínio IV – Relações sociais

13. Relações pessoais
14. Apoio social
15. Atividade sexual

Domínio V – Ambiente

16. Segurança física e proteção
17. Ambiente no lar
18. Recursos financeiros
19. Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade
20. Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades
21. Participação em, e oportunidades de recreação/lazer
22. Ambiente físico: (poluição/ruído/trânsito/clima)
23. Transporte

Domínio VI – Aspectos espirituais/ Religião/ Crenças pessoais

24. Espiritualidade/religião/crenças pessoais

Quadro 1: Sobre Domínios e Facetas do WHOQOL-100, adaptado de Fleck (1999, p.23).

O Domínio V é o que foi mais relevante para esta pesquisa. Entre os itens necessários para a qualidade de vida está incluído este domínio, que se refere ao ambiente, com oito quesitos: segurança física e proteção, ambiente no lar, recursos financeiros, cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade, oportunidades de adquirir novas informações e habilidades, participação em, e oportunidade de recreação/lazer, ambiente físico (poluição/ruído/trânsito/clima) e transporte.

Segundo Pascoal & Donato (2005, p.97), além da definição da OMS e do instrumento idealizado para avaliação da qualidade de vida, o WHOQOL-100, a maior parte dos instrumentos utilizados neste tipo de avaliação também considera as percepções individuais como fonte de dados. A importância recai sobre a percepção que o indivíduo possui sobre a sua qualidade de vida diante do mundo. O conceito de qualidade de vida é então subjetivo e variável, de acordo com as faixas etárias consideradas, os aspectos históricos, culturais e de estratificação social, fundamentando-se nas sensações vividas e interpretadas nos domínios: biológico, psicológico, emocional e de relacionamento com o ambiente. É assim, portanto, um termo polissêmico.

Para nós seres humanos, dotados de consciência, é relativamente fácil lutarmos pela nossa qualidade de vida. Relativamente fácil, porque para muitos seres humanos é negada a consciência dos fatos que ocorrem em nosso planeta, excluídos que foram do processo escolar, alijados do processo de conhecimento como nossos jovens e adultos o foram em algum momento de suas vidas. Porém, exatamente pela existência desta consciência é que somos responsáveis pela vida, vida com qualidade, de todos os outros seres vivos, que não podem lutar pelos seus direitos.

Consciência

Freire (2000, p.90), já afirmava que “de um ponto de vista puramente idealista, para mudar o mundo basta apenas a força da consciência”. Para ele não bastava apenas reconhecer, mas sublinhar a importância da educação neste processo de *denúncia* da realidade perversa bem como do *anúncio* da realidade diferente a nascer da realidade transformada. Dizia Freire (2000, p.66), que “urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como do respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas”. Para este autor a importância da consciência no processo de conhecer, de intervir no mundo é extremamente indispensável.

O vocábulo conscientizar significa segundo Ferreira (2004), em seu dicionário²: “tomar consciência de; ter noção ou idéia de; dar consciência; tornar ciente; dar ciência, conhecimento; alertar; tomar conhecimento; tornar-se ciente.” Então, dar consciência para os outros, seria exatamente o quê?

² Novo Dicionário Eletrônico Aurélio, de 2004, não possui paginação uma vez que é versão eletrônica, a busca se faz pela própria palavra buscada.

Consciência, também segundo Ferreira (2004), significa dentro da *Filosofia*:

“Atributo altamente desenvolvido na espécie humana e que se define por uma oposição básica: é o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo (e, posteriormente, em relação aos chamados estados interiores, subjetivos), aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração.”

Ou ainda: “Conhecimento desse atributo”; “Faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados”; “Conhecimento imediato da sua própria atividade física ou psíquica”; “Conhecimento, noção, idéia”; “Cuidado com que se executa um trabalho, se cumpre um dever; senso de responsabilidade”; “Honradez, retidão, probidade” (FERREIRA, 2004).

Na *Sociologia*, a *consciência coletiva*, seria o “conjunto de representações, de sentimentos ou de tendências não explicáveis pela psicologia do indivíduo, mas pelo fato do agrupamento dos indivíduos em sociedade” (FERREIRA, 2004).

Na *Ética* seria, a *consciência moral*: “A faculdade de distinguir o bem do mal, de que resulta o sentimento do dever, ou da interdição de se praticarem determinados atos, e a aprovação, ou o remorso, por havê-los praticado” (FERREIRA, 2004).

Para Freire (2005), a consciência, de nossa inconclusão³, é que gera a nossa educabilidade e eticidade. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Assim, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros buscando ensinar e aprender. Quanto mais conscientes de nossa inacabamento, mais exercitaremos a nossa capacidade de ensinar e de aprender, mais nos tornaremos sujeitos e não objetos do processo. Mais faremos história, podendo negar, ou trair a própria ética. O fato de perceber-se no mundo, com o mundo e com os outros, nos coloca numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Pelo contrário, estou inserido no mundo, nele eu luto para não ser apenas objeto e sim sujeito. Eu intervenho no mundo.

Freire (2005) apela para a conscientização como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos, um dos caminhos para colocarmos em prática a curiosidade epistemológica, o permanente processo social de busca, a curiosidade que se torna conhecimento.

³ A inconclusão se refere ao fato de que somos seres condicionados, mas não determinados. E, portanto, somos seres que falamos em liberdade, decisão, responsabilidade e ética. Somos educáveis.

O conhecimento (ou consciência neste sentido) pode ser investido de afetividade e, portanto, tornar-se um valor. Toda essa discussão nos leva a pensar e refletir: o que são valores? Segundo La Taille et al. (2006), valor pode ser qualquer objeto físico, pessoas, ou idéias aos quais se atribui afetividade. O conhecimento, segundo La Taille et al. (2006), se ensinado como um valor mostra inclusive que os professores obtêm melhores resultados e relações mais harmônicas com os alunos.

A questão dos valores perpassa pela discussão sobre a moral e a ética. A moral identifica-se com a pergunta “como devo agir” e a ética, com a pergunta “que vida eu quero viver”. Portanto, o plano ético nos coloca no centro da questão dos valores. O que eu devo fazer para ter uma “vida boa”, ou o que considero seu sinônimo, qualidade de vida? Esta resposta dependerá dos valores que possuo. Que tipo de vida tem valor? E o que a educação tem a ver com isso?

Segundo La Taille et al. (2006), a ética deve considerar não só a “vida boa”, mas que esta exista com, e para outrem, em instituições justas. À escola cabe a função de servir de espaço para a reflexão a respeito do conhecimento e da moral, sobre o lugar do conhecimento, que eu me arvore a chamar de consciência, na busca de uma vida significativa, sobre o lugar dos outros, nos planos de vida individuais, sobre as dimensões éticas e morais, sobre, enfim, a vida.

A educação ambiental, portanto, é um projeto-processo onde os alunos e alunas refletirão sobre suas relações com a natureza, com os valores que atribuem à vida, tanto sua, quanto dos outros seres vivos do planeta, através da consciência, aqui tomado como conhecimento valorado e que determinará quais atitudes tomarão no sentido de transformar o mundo, para que este seja “bom com, para todos e que seja justo”.

Análise das Falas dos Professores e dos Alunos

Analisando as informações obtidas nas entrevistas semi-estruturadas realizadas, verifica-se que, algumas respostas à questão: “Como é a sua relação com a natureza?”, denotam a co-existência das duas visões, a naturalista e a socioambiental, definidas por Carvalho (2004). O aluno 4⁴ respondeu:

Olha, de uns tempos pra cá, não faz muitos anos eu mudei bastante porque aonde que eu morava antes exigia que eu desmatasse, que eu desempedrasse, sempre aquela história, derrubar uma árvore e plantar

⁴ O número 4 indica que este foi o quarto aluno a ser entrevistado. O mesmo procedimento foi adotado em relação aos professores entrevistados.

um pé de feijão ou de milho, né? Um tinha que sair pro outro nascer, agora que eu não preciso mais derrubar tento proteger o máximo que eu tenho, né? No meu sítio lá a metade é mata nativa.

Analisando a sua resposta percebe-se que a ação de desmatar é considerada nefasta, que o homem para se relacionar bem com a natureza deveria deixá-la intacta. É uma forma de ver as coisas. Mas não é a única maneira de pensá-la. Esta visão naturalista é uma forma de representação que está fortemente inscrita em nosso ideário ambiental (CARVALHO, 2004). O aluno nos permite perceber que existem relações de interação permanente, entre a vida humana social e a vida biológica da natureza. O fato de ele deixar metade da área de seu sítio com mata nativa é uma forma de relação com o ambiente, que, lhe permite na outra metade, alterar a forma original sem causar tanto impacto no ecossistema, onde o sítio se localiza. Desta forma o aluno relaciona sua ação, humana com a natureza que foi alterada por necessidade social.

A resposta obtida do Professor de Área 2⁵ também corrobora a co-existência destas duas visões, naturalista e socioambiental:

Olha a minha relação com a natureza eu gosto muito, e eu gosto de pescar, eu sempre pratiquei esportes ligado ao mar, tá..., procuro preservar o máximo possível, trabalho num local onde a natureza é fundamental por que a gente, eu trabalho com turismo. A minha relação é essa, que é ainda aprendizado pra poder preservar ainda mais.

O professor se refere à necessidade de preservar cada vez mais, como se a preservação, no sentido de não interferência humana, fosse o único ideal a se atingir na relação da sociedade com a natureza. Por outro lado, ele demonstra a relação da sociedade com a natureza através da pesca, da prática de esportes, do turismo ligado ao mar, denotando preocupações socioambientais. Percebe-se que para ele, a natureza também integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais.

A existência das duas visões a respeito da relação ser humano ⇔ natureza demonstra que é necessário que haja na escola mais discussões a respeito desta categoria de análise. Pois, compreender as relações entre sociedade e natureza e intervir nos problemas e conflitos ambientais é a especificidade que a EA acrescenta à educação. Então a escola deve possuir um projeto político-pedagógico que contribua

⁵ Professor de Área significa que o mesmo é responsável por determinadas áreas do conhecimento e o número 2 indica que foi o segundo professor entrevistado.

para uma mudança de valores e atitudes, que forme um *sujeito ecológico* (CARVALHO, 2004) capaz de identificar e problematizar as questões socioambientais e agir sobre elas.

O que se quer hoje é a reciprocidade, o acolhimento e o reconhecimento de direitos iguais na relação entre as necessidades humanas e as condições ambientais. Precisamos encontrar caminhos possíveis para reunir as expectativas de felicidade humana e a integridade dos bens ambientais. Temos que compreender que a natureza e a sociedade são dimensões intrinsecamente relacionadas e que não podem mais ser pensadas – seja nas decisões governamentais, seja nas ações da sociedade civil – de forma separada, independente ou autônoma (CARVALHO, 2004).

O desafio que se lança hoje a todos nós, seres habitantes do Planeta Terra, é o encontro de soluções que viabilizem uma sociedade que cuide e valorize as questões socioambientais, em detrimento da lógica capitalista de curto, médio e longo prazo, que só levam à destruição da vida e conseqüentemente de sua qualidade.

Outro aspecto investigado, nas falas dos entrevistados, foi a questão da qualidade de vida. Para a análise destas falas foi adotada a definição da OMS, segundo o instrumento WHOQOL-100. Abaixo se encontram as respostas de alguns deles, sobre o que significa o termo *qualidade de vida*:

...É uma condição de vida normal, como posso dizer, hoje em dia é ter um bom emprego, é... bom emprego é... (Aluno 1)

Ah, é tudo de bom pra mim e qualidade de vida é poder dar tudo de bom pro meu filho... ou então ter uma vida melhor, procurar fazer o melhor. (Aluno 2)

Olha!, qualidade de vida pra mim, pessoalmente, seria um mundo mais, menos barulhento, o barulho me incomoda muito, uma alimentação mais saudável que pudesse chegar à mão de um maior número de pessoas possível e uma vida menos estressante. Eu acho que a nossa vida tá muito estressante, é muita correria... (Professor de Área 2)

Qualidade de vida não é questão de consumismo não, mas é você ter condições dignas não de sobrevivência, mas de vivência! É ter comida e ter bebida, ter teto, é ter... isso é qualidade de vida, o saneamento básico... (Professor Mediador 3⁶)

⁶ Professor Mediador é o professor que permanece constantemente com uma turma de alunos mediando a atuação dos professores de Área.

Em todas as falas estão representados alguns quesitos do V Domínio, do quadro sobre Domínios e Facetas levantados no instrumento WHOQOL-100, da definição da OMS. O Aluno 1, ao ser questionado se sua qualidade de vida tinha relação com o ambiente, respondeu afirmativamente, embora sua vida só lhe parecesse qualitativa se houvesse um bom emprego. Ter um bom emprego poderia ser enquadrado no quesito 18: Recursos Financeiros, dentro do V Domínio (conforme Quadro 1, na página 5). Para o Aluno 2 ocorreu o mesmo, sua qualidade de vida está relacionada a ter recursos financeiros, para poder dar tudo de bom ao filho. Esse tudo de bom seria

Estudos, é assim o que ele pedir, tem momentos que ele me pede as coisas e às vezes eu não posso dar, no momento eu tô desempregado, então assim quando ele me pede as coisas eu explico, ó meu filho o pai não pode comprar, quando o pai arrumar um emprego o pai compra pra ti, ele entende assim. (Aluno 2).

Para o Professor de Área 2, o barulho o incomoda, este tema estaria incluído dentro do quesito 22: Ambiente Físico, do domínio sobre ambiente. A correria, o estresse, e, portanto, a falta de tempo para si poderia ser enquadrada no quesito 21, sobre Participação/Oportunidades de Recreação/Lazer, que também faz parte do V domínio. A necessidade de uma alimentação saudável também está contemplada, no quesito 19, sobre Cuidados de Saúde e Sociais: Disponibilidade e Qualidade.

O Professor Mediador 3 também contempla vários quesitos do V Domínio: Recursos Financeiros (quesito 18), quando afirma que quer viver e não só sobreviver, Cuidados de Saúde e Sociais: Disponibilidade e Qualidade (quesito 19) quando quer ter comida, bebida e saneamento básico e o quesito 16: Segurança Física e Proteção, quando quer possuir um teto.

Destas análises percebe-se a importância que o ambiente possui no estabelecimento da qualidade de vida dos entrevistados, porém, quando indagados se se julgavam pessoas com boa qualidade de vida, foram obtidas as seguintes respostas:

Sem oportunidade de emprego, não. (Aluno 1)

Olha a minha qualidade de vida no momento ela está um pouco bagunçada, mas eu, a minha vida não posso dizer assim... então na minha vida é um pouco complicado, então eu não posso, na minha qualidade de vida assim pra mim eu acho que eu sou assim uma pessoa boa. Que compreende as pessoas, só que tem algumas pessoas que não sabem assim compreender bem o que eu quero, né? (Aluno 2)

Não. (Professor de Área 2)

Acho que sim. (Professor Mediador 3)

Aparentemente embora os quesitos do domínio V, sobre o Ambiente, sejam importantes para a qualidade de vida destas pessoas, todas afirmam, ou sugerem não possuir uma boa qualidade de vida. Quando o Professor Mediador 3 diz que “acha que sim” demonstra sua incerteza, em acreditar, no que afirmara anteriormente. Estas falas são indicativas de que o ambiente não está satisfatório, não atende às suas necessidades. Estas falas são indicativas de que não temos uma sociedade ecologicamente responsável, nem socialmente justa e tampouco, politicamente atuante no sentido da sustentabilidade, pois a questão do desemprego é marcante e a questão dos recursos financeiros também, os quais não propiciam a realização da vida, mas tão somente de sobrevivência, quando muito. Onde estará a sustentabilidade almejada? Qual o papel da educação na transformação desta realidade?

A educação ambiental deve contribuir para a qualidade de vida das pessoas. Neste sentido a valorização do meio ambiente, ou seja, da natureza integrada nas suas relações naturais, sociais e culturais, deve constar do processo educativo. Como as pessoas podem almejar a felicidade, se o ambiente em que vivem não está bem? Se segundo o instrumento da OMS, para medir a qualidade de vida, o ambiente é considerado? Se em sendo considerado, não está sendo valorizado?

A consciência foi a terceira categoria escolhida, pois, através das análises dos conteúdos das falas, parece indicar uma possível solução para as questões socioambientais. Houve afirmações a respeito da importância da conscientização das pessoas sobre estas questões para que se encontrassem soluções viáveis.

Diante disto, foram analisadas algumas entrevistas, onde o vocábulo consciência, ou conscientizar, e seus correlatos apareceram:

É!, eu sei. Mas então o que será que está faltando? (Pesquisadora)

Mais rigidez, eu acho que não, mais *conscientização* mesmo... mais preocupação, que eu não me preocupo muito com daqui a 10 anos, ou então, milhões de anos. Eu vou ser bem sincero em dizer que eu me preocupo mesmo é comigo, hoje, do que com o outro, amanhã. (Aluno 1)

Nesta fala a palavra *conscientização*, possui o sentido de “Cuidado com que se executa um trabalho, se cumpre um dever; senso de responsabilidade.” O Aluno 1 diz que seria necessário mais senso de responsabilidade, porém, ele mesmo se auto-avalia,

ao afirmar que não possui esse cuidado com o outro, afirmando o seu egocentrismo e o seu imediatismo. Ele não se percebe parte integrante do processo, a conscientização deve existir para os outros, não para ele. Observemos abaixo os próximos depoimentos:

Você acha que alguma outra prática, ou de alguma outra forma, as aulas poderiam ser feitas para que a dimensão ambiental fosse trabalhada, de uma forma que levasse melhor, às mudanças de atitude? Ou da forma como é feito é o suficiente? (Pesquisadora)
Olha, acho que da forma como é feito é o suficiente, acho que assim vai da *conscientização* de cada aluno. (Aluno 2)

E a escola consegue *conscientizar* as pessoas? (Pesquisadora)

Depende da mentalidade da pessoa, porque tem gente que por mais que você fale, fale, fale não está nem aí com o meio ambiente. Mas nós na verdade, falamos, a gente vai na rua... hoje mesmo estava uma pessoa com a mangueira, a lavar o muro de sua casa, tem que ser com isso? (Aluno 5)

Nestes depoimentos reafirma-se que a conscientização seria o “Cuidado com que se executa um trabalho, se cumpre um dever; senso de responsabilidade.” Pois depende de cada um ter essa responsabilidade. A escola realizou a sua função de inserir a dimensão ambiental nas aulas, porém, as conseqüências disto dependem da conscientização de cada um.

Vejamos outros casos:

Como é que as questões ambientais são trabalhadas em sala de aula? (Pesquisadora)
São trabalhadas assim, fazendo nós ver que nós temos que ter *consciência*, qualquer coisinha que é feito, vai dar uma coisa enorme, então é o nosso *consciente*, né? É trabalhado, né, nós temos que ser *conscientes* do que nós estamos fazendo e ensinar os nossos em casa, passar pros nossos, no caso. (Aluno 3)

Nesta entrevista a palavra *consciência* pode ser considerada como “Conhecimento, noção, idéia.” O Aluno 3 entende que a *consciência* tem que ser passada aos outros, ou seja, o conhecimento sobre as conseqüências do que se faz, tem que ser ensinado em casa. A noção, a idéia, de que tudo está interligado é oriunda dos conhecimentos ecológicos, sobre ecossistemas e ciclos de matéria e energia.

Como afirmou Freire (2005), ao tornar-se consciente, o homem ou a mulher, se torna mais educável, mais exercita a capacidade de ensinar e aprender.

O aluno 3 quer ensinar aos seus familiares a respeito dos conhecimentos ecológicos que aprendeu na escola. Sabe que são conhecimentos relevantes para que todos assumam posicionamentos, sejam éticos, decidam o que fazer em relação a algumas questões do cotidiano, onde a dimensão ambiental esteja envolvida.

A EA crítica e emancipatória apresenta como princípio, também, a ética. E voltando à questão da consciência, neste sentido, seria a *consciência moral*: “A faculdade de distinguir o bem do mal, de que resulta o sentimento do dever, ou da interdição de se praticarem determinados atos, e a aprovação, ou o remorso por havê-los praticado”. O que corrobora Freire (2005) quando afirma que a consciência pode fazer com que traíamos, ou neguemos a própria ética. Somos presentes no mundo e nele nos devemos inserir, esta inserção tanto pode favorecer a sustentabilidade. quanto desfavorecê-la, se transiro aos outros o cuidado da vida, me nego enquanto sujeito, passando a ser apenas objeto da história.

A consciência, então, é importante e necessária para a solução da crise ambiental que vivemos. Porém, parece que estar consciente dos problemas socioambientais não tem levado a mudanças de atitudes e valores. Transfere-se ao outro, a responsabilidade de agir na transformação da realidade. Muito embora, ao serem questionados sobre se a escola havia tido influência na mudança de hábitos, atitudes ou valores, quase todos responderam que sim. Percebe-se então, uma nítida contradição entre a auto-afirmação de mudança e de transferência ao outro, desta responsabilidade de mudar.

As mudanças exemplificadas pelos entrevistados e entrevistadas diziam respeito a comportamentos de economia de água nas residências, questões que envolviam o lixo, seu armazenamento e acondicionamento correto, consumo de produtos com menos embalagens e um professor apenas que relatou um caso de atitude, de denunciar situações ilegais de saneamento. Porém, quando a indagação era feita aos professores e professoras sobre suas percepções, quanto a essas mudanças nos alunos e alunas, a maioria dizia perceber isto nas falas, mas difícil confirmar na prática. O Professor Mediador 1 assim respondeu

A gente percebe porque a gente não tem o contato com eles, a gente tem o contato da escola, do dia a dia, daí a gente perde um pouco do contato fora da escola. Na escola a gente percebe que eles mudam pelo menos de atitude na questão ideológica, mas na prática eu tenho dificuldade pra perceber.

Outro Professor, Mediador 4, assim se referiu a essa questão

Eu sinto que os alunos até mudam com relação a isto..., mas acredito que isto acaba morrendo no subconsciente deles por estarem inseridos num mundo totalmente distante daquele que passamos. A maioria deles trabalha 10 horas por dia..., e a visão capitalista do processo é dominante. Eu sinto em alguns alunos até certa inquietação, tipo: o que estou fazendo aqui (no começo)..., mas depois acabam sentindo como é bom estar aqui (no final)..., mas isto é um ciclo diário..., Parece que eles assumem uma visão crítica com o passar das aulas..., vão para casa refletindo... dormem...acordam e voltam a ser máquinas novamente que movem o sistema em que estão inseridos.

De fato, não se podem medir mudanças de hábitos, atitudes e comportamentos. Os relatos dos entrevistados são contraditórios. Segundo Carvalho (2004), existem diferenças entre agir e comportar-se. Os comportamentos repetem padrões aprendidos e a ação passa-se no plano da atribuição de sentidos às experiências humanas. O mesmo Aluno 1 que afirma ter mudado algum hábito ao sugerir a colocação de caixinhas para as xepas dos cigarros na escola, é o mesmo aluno que desenvolveu um trabalho sobre a questão do tabagismo e ao final da palestra... veja o diálogo abaixo onde esta situação é revelada

Como que estas questões ambientais são trabalhadas em sala de aula?
(Pesquisadora)

Sempre a base de discussões, debates... (Aluno 1)

Que levam a quê? (Pesquisadora)

Que levam a cada pessoa a dar a sua opinião e assim a gente chega a uma, a alguma solução, para que possa... (Aluno 1)

..., resolver o problema. E essas soluções que são refletidas em sala de aula, alguma delas você já usou na sua vida? (Pesquisadora)

Sim. (Aluno 1)

Qual? (Pesquisadora)

É por que até eu mesmo no ano passado fiz uma palestra, apresentei uma palestra na sala. (Aluno 1)

Sobre? (Pesquisadora)

Sobre o cigarro. E a minha, a minha, o que me levou a produzir esta palestra foi por que justamente eu consumo tabaco, então eu esperava que no final da palestra, no final do meu trabalho, até eu ia apresentar em outros colégios, foi excelente, eu terminei de dar a palestra e me bateu uma vontade de fumar um cigarro e eu fumo cigarro e até hoje não parei. (Aluno 1)

Ao final da palestra ele esperava conseguir largar o vício, mas não conseguiu. Freire (2000), também relata esta dificuldade em largar o vício. Dizia ele

[...] Em certo momento, passou a ser difícil conviver com o conhecimento de quanto o fumo me estava prejudicando sem que eu me rebelasse contra ele. A raiva do fumo e a raiva de mim mesmo por tanta complacência que tivera com ele fortaleceram a minha vontade. Decidi, então. Parei de fumar para sempre.

Nos dois casos ilustrados acima, sobre o tabaco, ambos tinham a consciência dos males que o fumo trazia para sua saúde, porém apenas um teve a vontade de mudar. Segundo Freire (2000) é a vontade junto com a resistência, com a rebeldia na confrontação, ou na luta contra o inimigo que nos faz mudar. Seja este inimigo o fumo, o álcool, a cocaína, a maconha, o *crack*, ou a exploração capitalista, de que a ideologia fatalista embutida no discurso neoliberal é um eficaz instrumento dominante.

A vontade só se torna realmente fortalecida, a partir do momento que se reconhece a fraqueza, que se reconhece perdendo a luta, mas não, vencidos, no momento em que se torna significativo para nós vencermos o que nos oprime. O desafio está em fortalecer esta vontade por meio da educação, tornando-a significativa, através de um processo volitivo, onde a vontade seja continuamente valorizada, construída e trabalhada.

Considerações Finais

A inserção da dimensão ambiental no Programa pesquisado de Educação de Jovens e Adultos existe. Os professores e alunos demonstraram possuir as duas visões a respeito da relação, ser humano ↔ natureza: a naturalista e a socioambiental. A qualidade de vida para todos, inclui o meio ambiente e há consenso de que este meio está degradado. Consciência e conscientização foram os caminhos apontados para o enfrentamento da crise ambiental embora não pareçam levar a mudanças práticas no cotidiano, em prol da conservação e preservação da vida e do meio ambiente. Espera-se que o outro aja, isentando-se de responsabilidade individual e coletiva. Esta esperança de se transferir ao outro o ato que não se teve coragem de assumir, por razões que vão da acomodação, ao simples fato de que é melhor para manter o meu emprego, ou proteger de forma imediatista, a minha, ou a nossa sobrevivência, resulta numa continuação do desastre ambiental planetário em curso.

A sugestão proposta diante do quadro investigado seria a de tornar urgente e necessário que os professores e professoras, do Programa de Educação de Jovens e Adultos pesquisado, pudessem se atualizar dentro do campo da EA, conhecer seu histórico e sua evolução, contraporem com suas próprias visões de mundo o que a EA, enquanto projeto-processo vem tentando revelar. É preciso que se garantam oportunidades e possibilidades de aprofundamento destas questões. Urge uma mudança. Não só em pequenas ações do cotidiano, mas na sociedade como um todo e a educação

ambiental contribui para isso, para uma visão de mundo como um todo, uma nova visão em que a dimensão ambiental esteja inserida de fato e em que o processo volitivo de transformar seja fortalecido.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, I.C. de M. Educação ambiental e hermenêutica: uma via compreensiva de acesso ao meio ambiente, **Educação on Line**. www.educacaoonline.pro.br/index.htm, 2/1/2001. Acesso em 16 nov. 2007.

_____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**, 3. ed., 1ª Impressão da Editora Positivo, revista e atualizada do Aurélio Século XXI, O Dicionário da Língua Portuguesa, [S. l.]: Regis, 2004. 1 CD-ROM. Não paginado.

FLECK, M. P. de A. et al. Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). **Rev. Bras. Psiquiatr.**, vol. 21, n. 1, p. 19-28, jan./mar. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v21n1/v21n1a06.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental – A Conexão Necessária**. Campinas: Papirus, 1996.

LA TAILLE, Y; JUSTO, J. S; PEDRO-SILVA, N. **Indisciplina/ disciplina: ética, moral e ação do professor**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MERGULHÃO, M. C; VASAKI, B. N. G. **Educando para a Conservação da Natureza, sugestões de atividades em educação ambiental**. São Paulo: Educ, 2002.

PASCOAL, M; DONATO, J. C. Aspectos psicofísicos e sócio-culturais da qualidade de vida. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal- SP, v.5, n.6, p. 91-117, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.unipinhal.edu.br/movimentopercepcao/viewarticle.php?id=38&layout=abstract>>. Acesso em 14 abr. 2006.